



**DE VOLTA
AO DISCURSO**

**ABORDANDO
SOBRE AS
PESSOAS NEGRAS**

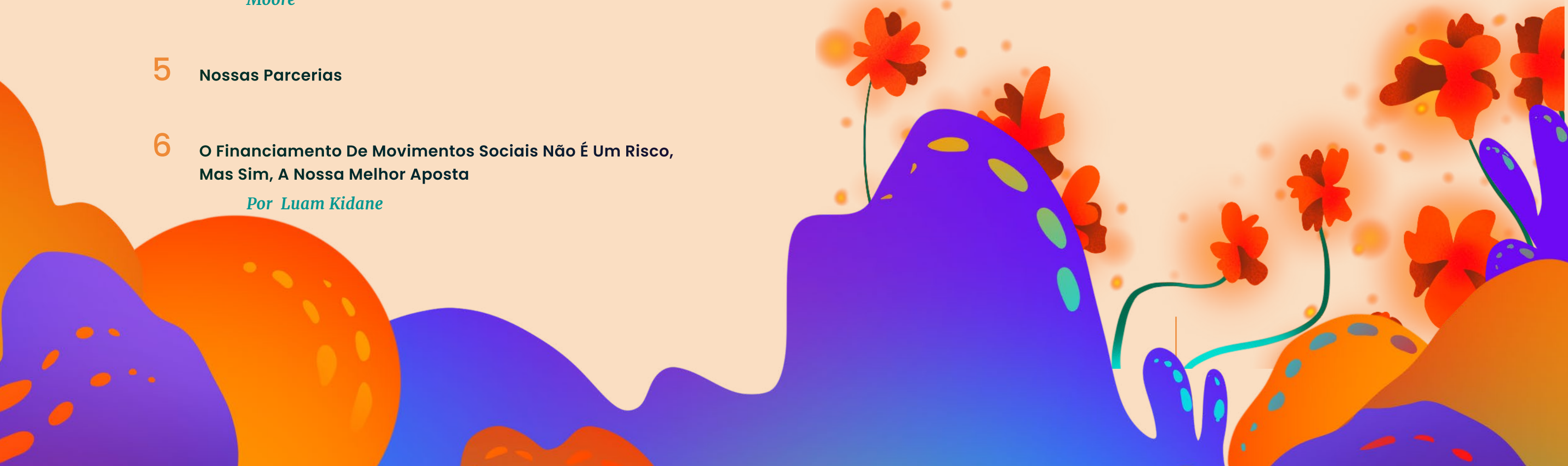
REFLEXÕES DAS VOZES
AFRICANAS,
AFRODESCENDENTES E
NEGRAS TRANSFORMANDO A
FILANTROPIA



**Africans in
the Diaspora**

Conteúdo

- 1 Nota Editorial
- 2 Sunrising: Uma Abordagem de Justiça Reparadora Para Expandir a Riqueza Intergeracional.
Por Esther Stanford-Xosei
- 3 “O casaco era meu !” Está na hora da filantropia pagar o que deve à libertação de África”.
Por Felogene Anumo
- 4 O sucesso dos modelos liderados por pessoas negras: como a assessoria para entidades doadoras negras está a transformar o ramo da filantropia institucional.
In conversation with Derek Bardowell and Yvonne Moore
- 5 Nossas Parcerias
- 6 O Financiamento De Movimentos Sociais Não É Um Risco, Mas Sim, A Nossa Melhor Aposta
Por Luam Kidane
- 7 “Aujourd’hui, c’est aujourd’hui” : Navegando dinâmicas de poder e ampliando vozes no seio de um Fundo oeste-africano liderado por activistas.
Por Caroline Kouassiaman
- 8 Invertendo a Inovação através da Economia Restaurativa: Aprendendo com o nosso passado para sarar o nosso presente
Por Nwamaka Agbo
- 9 Mudando Corações e Mentes: Como fazer doadores financiarem Movimentos Sociais Africanos
Por Crystal des Ogugua
- 10 Um Último Adeus



Nota Editorial

À medida que nos aproximávamos do fim da produção deste magazine, prometi-me a mim mesma que o produto final seria meteórico. Grande, forte e colorido, voando pelo espaço afora com o poder de provocar perturbações, de trazer transformações e complexidades aos binarismos higienizados. De rebentar com tudo.

Os escritos que recebemos trouxeram exactamente isso. Como se assinados em unísono, narram a história da filantropia moderna e do seu potencial, através de uma lente exclusivamente Africana, Afrodescendente e Negra. As pessoas que escrevem aqui, trazem com elas experiências situadas dentro e fora do mundo da filantropia institucional e, resultante disso, têm um faro bem preciso para identificar todas as contradições existenciais e as sérias formas de desigualdade que se podem encontrar nesse sector. Desde relatos sobre como atingiram melhorias, passando por estórias sobre como se sentiram desencorajadas, essas pessoas, através dos seus escritos, ocupam um espaço central a partir do qual expressam perplexidade, desilusão, raiva, capacidade de adaptação, rebeldia e, tudo isso, sempre com esperança.

Faz todo o sentido vermos o nosso magazine transformar-se num meteoro. É um espetáculo único que chega ao seu ponto mais luminoso, à medida que vai desvanecendo. Para a Africans in the Diaspora (AiD), este magazine representa o momento em que nos apresentamos perante os aplausos do público, a seguir à nossa apresentação. A AiD deixará de existir a partir desse mês.

Fundada em 2012, a AiD imaginava uma África auto-suficiente. As co-fundadoras; Solomé Lemma, Stephanie deWolfe e Zanele Sibanda, criaram a plataforma AiD para que conecte pessoas africanas da diáspora e do continente, que estejam comprometidas com uma mudança africana transformadora, dirigida e liderada por pessoas africanas.

A AiD surgiu como plataforma de financiamento colectivo, para demonstrar que os recursos, as competências e as ideias colectivas comuns a pessoas africanas baseadas tanto no continente como na diáspora, podem ter um impacto poderoso no apoio da liderança e do trabalho de movimentos sociais.

Após um período de incubação em parceria com a Thousand Currents, esta organização fundiu-se oficialmente com a AiD em 2017. A partir desse momento, a AiD tornou-se um projecto dentro do programa da Thousand Currents para a África.

Em 2020, a AiD foi relançada sob a visão e direcção de Zahra Dalilah e Luam Kidane. Nessa última constituição, a AiD tornou-se um veículo para a consciencialização sobre o processo de doações e para a organização. Focámos em melhorar o poder de doação de pessoas Africanas, Afrodescendentes e Negras, para criar um ambiente mais favorável aos movimentos sociais Africanos, que trazem as mudanças que este mundo precisa.


Este ano, a AiD irá encerrar as suas actividades. Os aprendizados dos últimos dez anos serão os alicerces para uma linha de comprometimento seguida por instituições doadoras localizadas na diáspora, e integrarão o trabalho de organização e de educação de instituições doadoras, encaminhado pela Thousand Currents.

Por isso, receba isso como a nossa prenda de despedida. Enviamo-vos este meteoro, não como uma crítica recreativa, mas como um grito para a mobilização e um apelo desesperado. Devemos melhorar. E essas páginas nos trazem as direcções para seguir nesse sentido.

Nós, pessoas Africanas, Afrodescendentes e Negras, somos tudo o que precisamos. Que essas histórias nos lembrem que podemos ser exactamente quem precisamos de ser.

Com amor,

Zahra Dalilah.



Sunrising: Uma Abordagem de Justiça Reparadora Para Expandir a Riqueza Intergeneracional.

Por Esther Stanford-Xosei

No sector da filantropia, existem muitas fundações detentoras de grandes fundos de dotação, que usam somente entre um a quatro por cento dos seus recursos para a concessão de subsídios e para executar operações. Numa altura em que o mundo está a atravessar uma pandemia mundial, a enfrentar uma crise climática ameaçadora, deparando-se com a crescente insegurança alimentar e a desigualdade, está na hora de enfrentar a forma como os fundos patrimoniais perpetuam a desigualdade intergeracional.

Essas instituições acumulam e investem o que economistas têm estado a chamar de “dinheiro manchado”; recursos gerados a partir de empresas cujas práticas económicas estão assentes na expropriação, na extração e na exploração. Práticas tais como o roubo de terras administradas por comunidades indígenas em todo o mundo, o rapto e a escravização de milhões de populações Africanas, e o genocídio de vários outros povos.

Ao encetar práticas tais como o “sunsetting”, as instituições filantrópicas podem evitar que a desigualdade intergeracional se reproduza dessa forma. Entende-se por “sunsetting” o facto de uma fundação expandir a sua dotação para uma taxa que no final irá esgotar os seus fundos e levar ao seu encerramento. A [Chorus Foundation](#), que irá transferir 100% das suas riquezas a comunidades, é um exemplo disso, ou seja, ela irá embarcar num “sunset” até 2024.

Um quadro de justiça reparadora não teria somente como objectivo encerrar certas instituições filantrópicas, mas transformá-las-ia em veículos para a restituição de recursos acumulados a partir de modelos extrativos de saque. Essas comunidades deveriam ter acesso aos recursos que lhes pertencem, para poderem então nascer como o sol. Por isso, esse processo deveria ser visto como um “sunrise” [nascer do sol], e não um “sunset” [pôr-do-sol].

Embora esse ponto de partida seja benéfico, uma abordagem como essa deve estar assente nas perspectivas e necessidades das comunidades expropriadas e a quem se negou o acesso aos fundos detidos nessas mesmas dotações. Um quadro de justiça reparadora não teria somente como objectivo encerrar certas instituições filantrópicas, mas transformá-las-ia em veículos para a restituição de recursos acumulados a partir de modelos extrativos de saque. Essas comunidades deveriam ter acesso aos recursos que lhes pertencem, para poderem então nascer como o sol. Por isso, esse processo deveria ser visto como um “sunrise” [nascer do sol], e não um “sunset” [pôr-do-sol].

Implementar a estratégia de *sunrising* é a abordagem mais ética que se pode implementar, visto a forma como algumas dessas dotações foram ocorrendo. De momento, tais recursos se encontram na posse de nações e de instituições que os adquiriram por vias injustas, muitas vezes, através da subjugação e o genocídio dessas populações, bem como por via do ecocídio. Porém, esses recursos pertencem por direito a essas comunidades subjogadas e expropriadas em todo o mundo.

Nesse sentido, as entidades filantrópicas conscientes, deveriam agir como se fossem parteiras para o renascimento de comunidades, dando-lhes acesso a recursos restituídos por via da filantropia, para o seu empoderamento e libertação. Tais entidades filantrópicas podem agora ter a certeza de que esses recursos, que

serão devolvidos a quem pertencem, poderão responder melhor ao objectivo de honrar os Seres Ancestrais¹ que lutaram pela libertação dessas populações outrora colonizadas. A filantropia *sunrising* também pode tornar-se um excelente testemunho para quem viveu nas comunidades colonizadoras naquele tempo, e se revoltou contra a colonização, honrando assim os legados de todas as pessoas envolvidas na libertação naquela época.

Podemos citar dois bons exemplos: a Universidade de Harvard, nos Estados Unidos, e a Rowntree Society no Reino Unido. Ambas demonstram como as dotações são usadas normalmente e oferecem cursos sobre como melhor distribuir recursos de forma reparadora.

No dia 26 de Abril de 2022, a Universidade de Harvard, a mais antiga dos Estados Unidos, publicou um relatório de 130 páginas sobre a [Harvard e o seu envolvimento na história da Escravização](#). Uma das sete recomendações do relatório incluem a promessa de prever 100 milhões de dólares para estabelecer um Fundo Patrimonial pela Escravização. Esta quantia serviria para apoiar a implementação de outras recomendações contidas no relatório. Embora este valor esteja a ser aclamado na mídia corporativa, a verdade é que se trata de uma quantia insignificante que não é proporcional aos relatórios das escolas, se olharmos para as suas próprias dotações.

Publicado em Outubro de 2021, o Relatório Financeiro Anual da Harvard demonstrou que o valor das suas dotações gerais elevaram-se a [53.2 bilhões de dólares americanos](#); um aumento de 27% equivalente a 11.3 bilhões de

dólares, comparando com os 41.9 bilhões de dólares do ano anterior. Cem milhões de dólares nem sequer corresponde à metade do excedente operacional de 283 milhões de dólares, atingido pela universidade em 2021.

De igual modo, a Joseph Rowntree Society esteve a trabalhar com as suas entidades financeiras, a Joseph Rowntree Foundation (JRF), a Joseph Rowntree Charitable Trust (JRCT) e a Joseph Rowntree Reform Trust (JRRT), para investigar sobre as origens das suas dotações de 300 milhões de libras esterlinas. A dotação proveio das participações da empresa de confeitaria da família Rowntree, que se beneficiou da escravização e do trabalho forçado no contexto colonial.

Numa [declaração](#) publicada em Abril de 2021 pelo conselho de administração, a organização identificou áreas onde “acredita que mais pesquisas deveriam ser feitas para se entender melhor como a Rowntree businesses se beneficiou da escravização, do trabalho forçado e de outras formas de exploração racial durante as eras do colonialismo e do apartheid.”

Embora a instituição tenha apresentado um pedido de desculpas, se queremos de facto que este se verifique na prática, as instituições de caridade da Rowntree também terão de redistribuir o grosso das suas dotações ilícitas às comunidades dentro e fora do Reino Unido, que outrora foram e continuam a ser prejudicadas por todo esse legado.

Nos dois casos, uma abordagem tal como

sunrising estaria focada em olhar para além das pessoas que, ao redor, passaram pela opressão racial, e chegaria até às comunidades que continuam a sofrer com a expropriação, a desumanização e as outras formas de violência contra pessoas Africanas e de racismo contra pessoas negras.

Isso implicaria ter que identificar as origens da degradação da comunidade, que são: o genocídio e o ecocídio da colonização nas suas terras de origem. Isso também iria requerer um rastreio das linhagens ancestrais e das conexões entre comunidades racializadas, partindo do passado e olhando para as comunidades herdeiras, para se ter um entendimento mais abrangente das comunidades que podem pronunciar-se acerca da forma como os recursos retidos nessas dotações devem ser redistribuídos e regenerados.

No texto *Philanthropy Will Not Save Us* publicado no seu blog, Rodney Foxworth critica a forma como a filantropia reforça “a acumulação e a privatização da riqueza, e também a centralização do poder e do controlo.”

Embora a filantropia institucional esteja muito enraizada nessa realidade, existem entidades doadoras tal como a Justice Funders, cuja visão para abordar doações está centrada na “redistribuição da riqueza, na democratização do poder, e na provocação de sérias mudanças a nível do controlo económico, priorizando assim as comunidades, de uma forma que seja

regeneradora para as pessoas e para o planeta. A instituição está sobretudo disposta a descentralizar os seus poderes e a deixar as pessoas tomarem decisões sobre a forma como desejam gastar o dinheiro. A instituição considera que tais recursos são conservados em fundos fiduciários, precisamente para servir as comunidades, independentemente das instruções ditadas por quem fundou a instituição.

Um enquadramento reparador tal como *sunrising* exigiria primeiramente que as instituições filantrópicas se informassem sobre a dimensão, a natureza e os constantes impactos das políticas e programas que acentuam os danos da colonização. Isso significa entender a forma como tais instituições se aproveitam da desapropriação de populações Africanas², Indígenas, e de outras Populações que foram colonizadas – incluindo também a forma como continuam a ter em sua posse bens tais como terras, artefactos, dinheiro e outros tipos de recursos materiais e imateriais. Para além disso, deve também haver um compromisso em apoiar os esforços de autodeterminação dessas comunidades³ no que concerne ações de reparação e de regeneração.

As organizações filantrópicas também deveriam tentar formar uma *comunidade da prática*, ou seja, uma comunidade de entidades focadas em reparações no continente africano, para então acelerarem o seu próprio processo de aprendizado nesse sentido. Deveriam sobretudo enfatizar a abordagem de restituição de recursos

desenvolvida no quadro do que o nosso colectivo chama os processos de planeamento das reparações *Pempamsiempango*⁴ em Londres e Bristol, e nas municipalidades de Accra, Ho, e Essikado-Sekondi, no Gana. Esses processos priorizam componentes de reparação que são negligenciados, tais como a rematriação⁵, a soberania alimentar, a redução das emissões de dióxido de carbono e uma restauração equitativa da terra. Também apontam para outras oportunidades de curar traumas intergeracionais e a expropriação, tanto no continente Africano, como na Diáspora.

Uma das formas mais estratégicas de abordagem *sunrising* que as instituições filantrópicas poderiam implementar, seria o comprometimento com medidas que procuram institucionalizar iniciativas de justiça começadas a partir da base. Por exemplo, uma das propostas defendidas pela campanha internacional Stop the Maangamizi mobilizada na Europa, em África, na América do Sul e nas Caraíbas, é que se tome medidas para que, de forma contínua, se reparem os impactos danosos da escravização e da colonização, conectando a resistência e a restauração dos esforços das comunidades que foram afectadas da mesma forma em todo o mundo.

Nesse sentido, as instituições filantrópicas precisam de reconhecer e de entrar em contacto directamente com as organizações autónomas, que trabalham para preservar as distintas linhagens racializadas e étnicas de comunidades que foram prejudicadas. É preciso que elas apoiem a capacitação e o fornecimento de recursos a essas organizações

de movimento social, que lidam com as causas principais das duras injustiças enfrentadas pelas suas comunidades. Podemos observar por exemplo o trabalho feito pela Maatubuntumitawo-GAFRIC, no Gana.

Tais instituições ganhariam também ao trazer entidades e pessoas que produzem conhecimento no seio mesmo desses grupos comunitários autónomos, e até organizações, que as pudessem aconselhar com a preparação de agendas e de definição de objectivos para as suas políticas de redistribuição, os seus programas e as suas iniciativas.

Por fim, para cumprirem com uma agenda verdadeiramente reparadora, as instituições filantrópicas deveriam, de forma corajosa, quando possível, deixar de criar dotações, ou então aumentar a percentagem de distribuição anual das dotações actuais, que geralmente rodam em torno dos 5%, e elevá-las a pelo menos 33% ou mais. Deveriam comprometer-se em seguir com concessões de verbas sem restrições, considerando as específicas reclamações, os pedidos e as visões de quem durante muito tempo sofreu com as várias formas de opressão e de dominação que estão interligadas.

É possível chegar-se a uma justiça reparadora e holística quando os recursos que levam à reparação necessária e a um trabalho de transformação, se encontram directamente ligados aos movimentos e às organizações que apoiam comunidades e os processos de construção de poder, dentro dessas mesmas comunidades.

Notas:

1 **Nota Editorial** : Pomos uma maiúscula à palavra “Ancestors” em inglês, tal como o fazemos para a palavra “Black”, para conferir primazia e dignidade a uma classe de pessoas cujos nomes poderemos não conhecer, mas a quem honramos e mostramos reverência.

2 **Nota Editorial** : O presente artigo foi escrito seguindo o modelo da Africans in the Diaspora, no entanto, gostaríamos de enfatizar a decisão original da autora em escrever “Africa” e “African” com um “k”, ou seja, “Afrika”, “Afrikan”. Partindo de uma lente que advoga pela justiça cognitiva devido ao epistemicídio pelo qual temos passado e continuamos a passar enquanto pessoas afrikanas, fazemos a escolha política de promover ‘reparações holísticas’, incluindo reparações linguísticas e a renomeação/recuperação de Afrika com um “K”. Trata-se de um acto de autodeterminação que vai para além das imposições coloniais de nomes, territórios e identificações de pessoas no continente Afrikano. O termo para se referir a pessoas “Afrikanas”, é usado para falar de populações indígenas de Afrika e das suas descendências em toda a Diáspora.

3 Isso refere-se a comunidades para as quais se poderá aplicar o conceito de justiça reparadora, baseado na noção de comunidades de resistência popularizada por bell hooks:
“Quando falamos sobre o que pode sustentar e nutrir o nosso crescimento espiritual enquanto pessoas, devemos mais uma vez falar da importância da comunidade. Isso porque uma das formas mais vitais de nos sustentarmos, é através da criação de comunidades de resistência, de lugares onde sabemos que não estamos sós.”
- bell hooks, Yearning: Raça, Género, e Política Cultural.

4 Trata-se de um termo Afrikano resultante da fusão entre o sistema de conhecimento indígena Adinkra, e o termo para “plano” em Kiswahili. Essa linguagem está a ser aceite pelas autoridades públicas no Reino Unido e é considerada inclusiva para a ‘Africa’.

5 Rematriculação é um termo muito usado pelos povos indígenas de Abya Yala (as ditas Americas), para caracterizar as ações necessárias para curar a violência epistémica causada por pessoas brancas escravizadoras e colonizadoras, que os desconectaram brutalmente das suas terras e das epistemologias dos povos que vieram antes deles. Traz a visão “da restauração da cultura viva ao seu lugar de origem na Terra Mãe”, ou então, o retorno de um povo a “uma vida espiritual, numa relação sagrada com as suas terras ancestrais, sem interferência externa”.

Uma mesma ideia de Rematriculação está também a ser usada para se referir à restituição histórica e espiritual necessária para reparar as violações sofridas pelas descendências de quem foi arrancado de Afrika à força. É considerado o método através do qual a Diáspora Afrikana pode voltar – cultural e espiritualmente – aos seus arquivos de conhecimento indígena e alimentar formas de pensar e de estar no mundo. Sendo tanto

teoria como prática, a ideia reconhece que a escravização não levou somente à expropriação do corpo e das suas [pro]criações, mas também e não menos importante, à separação entre pessoas africanas cativas e os conhecimentos cosmológico e metafísico que alimentam a base mesmo da identidade humana; nesse caso o ser Afrikano. ... Em contraste directo com os projectos neocoloniais que procuram lucrar economicamente (mais uma vez!) com os crimes contra a humanidade que vão chamando de ‘reparação’, uma verdadeira Rematriculação reparadora busca tratar as contínuas injustiças que são a escravização e a colonização. Isso é alcançado olhando para os contínuos danos psicológicos e espirituais causados às sensibilidades de descendentes de origem afrikana, através do epistemicídio e da contínua existência da colonialidade ou da matriz colonial do poder. Nenhuma quantidade de dinheiro, de terra, e nem a garantia de uma equidade social pensadas no sentido de trazer reparações pela escravização, o colonialismo e os seus legados, é suficiente ou chega para reparar os danos causados à psique Negra e ao seu espírito. Uma verdadeira rematriculação implicaria o direito de regressar e de pertencer. Isso abrange o princípio de Sankofa, que se refere ao regresso à indigeneidade Afrikana, para se resgatar a sua personalidade Afrikana em termos materiais e espirituais, baseados na terra e nos povos de Afrika.

- Nicola Frith, Joyce Hope Scott, Esther Stanford-Xosei, Rematriculação: Definindo uma resposta de justiça reparadora baseada em princípios Afrikanos, para confrontar a violência epistémica da escravização Afrikana, University of Edinburgh Explorer, year (p.2022)



**“O casaco era
meu !”
Está na hora da
filantropia pagar o
que deve à libertação
de África”.**

Por Felogene Anumo

As desigualdades que vemos hoje em dia em termos de riquezas, resultam directamente de um legado colonial de saque de recursos e de trabalho extrativista feito por pessoas Africanas, Afrodescendentes e Negras. Segundo estimativas do magazine Harper, pessoas Africanas escravizadas executaram aproximadamente 222 milhões de horas de trabalho forçado entre 1619 e 1865. Se, nos dias de hoje, isso fosse pago a nível do salário [Mínimo dos Estados Unidos, estaria aproximadamente no valor de 97 trilhões de dólares americanos. Isso é somente a ponta](#) do iceberg, porque sabemos que esse saque massivo de recursos naturais ocorreu ao lado de tantas outras perdas manifestadas de diversas formas no campo das relações, da arte, da inovação, do intelecto e da dignidade – cada uma delas tendo deixado um impacto duradouro e devastador no seio das comunidades Africanas.

Embora o tipo, a escala, a dimensão e a profundidade dessa desapropriação tenha mudado ao longo dos anos, a extração e a exploração sistemática das pessoas Africanas e dos seus recursos naturais, continua a acontecer. Até hoje, os movimentos de capitais do continente são constantemente

desviados para as economias de países do Norte Global, um processo que é generosamente executado por empresas transnacionais e instituições financeiras internacionais tais como o Banco Mundial e o FMI, assim como por via de contratos comerciais injustos e fluxos financeiros ilícitos (IFFs). Isso tem levado as economias Africanas a inúmeras dívidas, e tem feito com que as pessoas habitantes desses países vivam em constantes situações de empobrecimento, de negligência e em contextos de saúde precária.

Partindo de práticas económicas injustas, começadas desde a era colonial em África, e olhando para os danos resultantes de gerações de escravização, o Norte Global precisa de compensar [pelos séculos de dívidas ecológicas e reprodutivas a pessoas Africanas, Afrodescendentes e às pessoas Negras](#) de forma geral.

[Embora nenhuma quantia de dinheiro possa realmente compensar pelos danos causados, a necessidade de corrigir os erros do passado no sentido de lidar com as](#) contínuas desigualdades, está a tornar-se cada vez mais urgente. A pandemia sanitária do COVID-19 fez ressurgir desafios sociais e de governança em África, incluindo a necessidade de fortalecer sistemas de saúde pública. Concomitantemente, há também uma crise climática que apresenta sérias ameaças à sobrevivência humana. Os grupos empobrecidos e historicamente oprimidos do Sul Global, deverão certamente suportar a carga maior dessa crise, ainda que sejam os que menos contribuem para a sua existência. Além disso, os impactos crescentes

e imprevisíveis da mudança de clima estão a tornar cada vez mais difícil a produção de alimentos e de energia no continente; uma situação que só piorou com a guerra que se desenrola actualmente na Ucrânia.

Segundo a Forbes, os Estados Unidos (EUA) albergam a maioria das pessoas detentoras de altos patrimónios líquidos (HNWIs) e 62 por cento de HNWIs vivem nos Estados Unidos, no Japão e na China. Estudos efectuados pela WINGS Network demonstram que as fundações filantrópicas também se encontram muito concentradas no Norte Global, sendo que 60 por cento da totalidade está baseada na Europa, enquanto que 35 por cento se encontra [na América do Norte](#). Apesar disso, a grande maioria do dinheiro que as fundações estão a distribuir não é re-injectada nos **locais que** historicamente e actualmente sofrem com a exploração e o extrativismo. De facto, segundo um relatório, somente um quarto da quantia foi para a Ásia e o Pacífico, as Caraíbas, a América Central e do Sul, o Médio Oriente e a África, ao todo.

Parece que há uma “fuga” quanto ao impacto da filantropia monetária e da ajuda em África. Isso leva-nos por isso à questão seguinte: onde vai o dinheiro que é suposto ser canalizado para a África, e o mais importante: para que fins é utilizado?

Um estudo efectuado pela Universidade de Harvard sobre o estado mundial da filantropia, revelou que 75 por cento das fundações de filantropia existentes, foram criadas nos últimos 25 anos. Alguns dos factores atribuídos a esse aumento acentuado incluem: a concentração e o crescimento das fortunas privadas, as contínuas desigualdades e os esforços concertados pelos governos e o sector privado, para encorajar doações. As conclusões do relatório também mostram que o número de doações individuais é superior ao das doações institucionais, embora sejam mais difíceis de monitorar. Os avanços tecnológicos tais como processos online, de crowdfunding (financiamento colectivo) e por SMS, criaram novas formas para tornarem as doações possíveis.

O estudo de Harvard foi realizado em 2018 e, desde então, o estado da filantropia mudou de forma significativa. Tem havido uma onda crescente de distribuição de riquezas através de fundações que pertencem a pessoas ricas multi-milionárias, tais como Jeff Bezos e Mackenzie Scott, ou ainda pessoas no mundo da música, tais como a Rihanna. “A reacção que a minha família e eu temos em relação à nossa boa fortuna extraordinária, não é de culpa, mais sim de gratidão”, disse o bilionário Warren Buffett, quando se juntou à The Giving Pledge. The Pledge foi uma iniciativa fundada em 2010 pelo antigo casal de bilionários, Bill Gates e Melinda French, numa tentativa de doar pelo menos metade das suas fortunas a ações de caridade. Embora seja bom que

haja cada vez mais interesse pela [filantropia, as doações devem estar enraizadas numa base ideológica. Para que a filantropia](#) tenha algum impacto, devemos seguir o sucesso da organização decolonial e de práticas libertadoras.

No entanto, os movimentos e as formações de movimentos não esperam a “benevolência” das pessoas ricas para traçarem as suas caminhadas

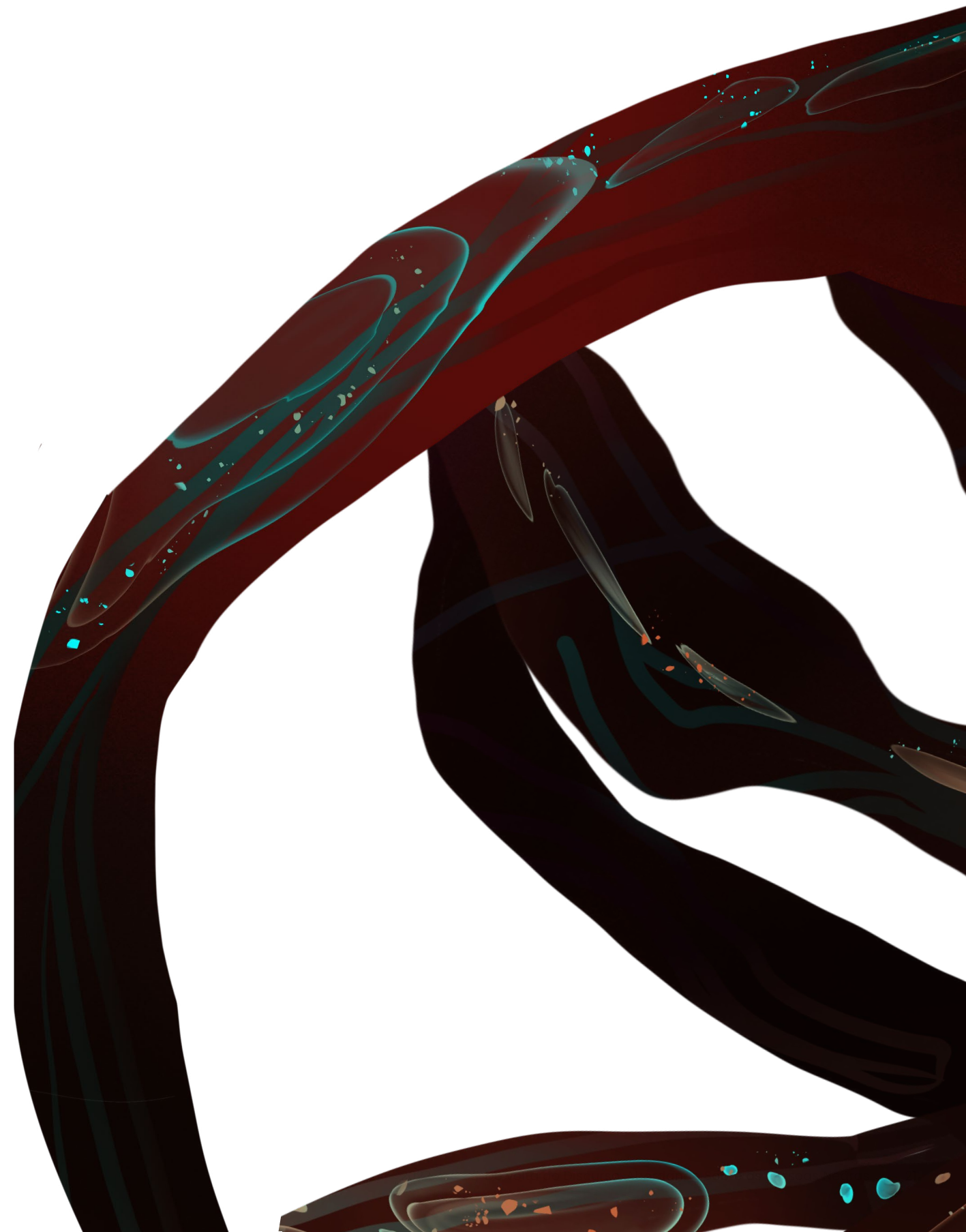
[libertadoras. Vejamos por](#) exemplo o trabalho da Malawi Union for Informal Sector (MUFIS), formada no ano 2000 para organizar, promover, proteger e negociar acerca de questões relativas aos direitos de pessoas que trabalham em economias populares. Essas pessoas que trabalham dentro da economia informal, são o motor das economias Africanas, mas são muitas vezes invisíveis. Ou então, olhemos para Abahlali baseMjondolo, o movimento social democrático [de pessoas que moram em bairros desfavorecidos](#), e de pessoas empobrecidas na África do Sul. Perante uma multiplicidade de desafios, incluindo as inundações catastróficas em Durban, as reações violentas, as ameaças de morte contínuas e os assassinatos violentos de pessoas que fazem parte da organização, o grupo continua a lutar pelo direito à terra, à habitação e à dignidade, mobilizando pessoas sem terras e construindo o poder

a partir da base. A Rural Women’s Assembly (RWA), uma coligação de mulheres rurais na África austral, encontra-se na intersecção de vários pontos de opressão, e se organizou num poderoso movimento social que desafia o agronegócio e a opressão patriarcal, enquanto traz avanços no ramo da agroecologia e constrói uma liderança feminista no movimento da soberania alimentar.

Existem de facto inúmeros exemplos de movimentos sociais liderados por pessoas Africanas, Afrodescendentes e Negras, que executam mobilizações desde a base. No entanto, muito poucas iniciativas filantrópicas conseguem mobilizar recursos significantes para as linhas de frente, com base na confiança.

À caminho da minha conclusão, lembro-me da resposta de Mwalimu Julius Nyerere quando lhe perguntaram se a África estava pronta para a independência em 1959. A sua resposta: “Se você vem à minha casa e rouba o meu casaco, não me pergunte se estou pronto para o meu casaco. O casaco era meu!”

Se aplicarmos esta metáfora à filantropia, conseguimos notar como as práticas filantrópicas não são somente danosas, mas também, muitas vezes, ofensivas. Tal como as terras roubadas e a extração dos recursos naturais de África, o dinheiro filantrópico pertence às pessoas Africanas. Todos os esforços deveriam ser mobilizados para se assegurar que todos os recursos roubados sejam entregues de volta a quem pertencem, rapidamente, de forma digna, e apoiando as suas visões de libertação.



O sucesso dos modelos liderados por pessoas negras: como a assessoria para entidades doadoras negras está a transformar o ramo da filantropia institucional

Em conversa com Derek Bardowell e Yvonne Moore



Arte e design de Amir Khadar

Dia após dia, a filantropia institucional tem fracassado na sua tentativa de atender às questões do [continente](#) africano, das pessoas africanas, afrodescendentes, e de todas as pessoas negras de forma geral.

Em 2017, a maior parte dos cerca de sete bilhões de dólares correspondentes a doações vindas de fundações e instituições bilaterais e multilaterais, foi investida na América do Norte e na Europa Ocidental. Somente **um quarto** desses financiamentos foi investido, no seu total, na Ásia e no Pacífico, nas Caraíbas, na América Central [e América do Sul, no Médio Oriente em África. Pouco mudou desde então. No ano](#) passado, o Black Feminist Fund publicou uma pesquisa que atestava que somente [0,1% dos recursos filantrópicos do mundo vai para](#) [activistas feministas](#) negras.

A filantropia institucional tem fracassado a cada dia, mas não nos deixamos abater. Desde financiamentos colectivos para apoiar estudantes bloqueados na Ucrânia, passando pelos 714 bilhões de dólares americanos enviados por pessoas da Diáspora a familiares baseados nos seus países de origem em 2019, vemos que sabemos de facto como cuidar das nossas comunidades.

Muitas pessoas africanas, afrodescendentes e negras

desenvolvem ideais filantrópicos a partir do seu local de origem. Que seja tendo refeições comunitárias num mesmo prato, partilhando presentes com pessoas irmãs ou primas, ou ainda sempre tendo um espaço no lado da cama para familiares que estejam de passagem, de modo geral, as práticas de generosidade e de cuidado são aprendidas na infância. A ideia fundamental que separa “o que me pertence” do que “é da comunidade”, ocorre dentro de um espaço vasto, indefinido, ou é muitas vezes tido como irrelevante. Isso está na base de várias culturas africanas e afrodescendentes.

Ainda assim, pessoas africanas e diaspóricas que pretendem redistribuir as suas riquezas tal como aprenderam a fazê-lo nos seus locais de origem, tendem a acreditar que o mundo da assessoria de doações, não prevê espaço para isso – ou seja, que não foi pensado para pessoas como elas.

Yvonne Moore e Derek A. Bardowell são duas pessoas que experienciaram a forma como temos sido tratadas no mundo da assessoria para entidades doadoras. Yvonne trabalhou para o governo, para a sociedade civil e em sectores filantrópicos. É a pessoa quem fundou a Moore Philanthropy, da qual é directora geral. Derek escreve, e está na presidência executiva da organização filantrópica de advocacia, Ten Years’ Time. Derek encarrega-se da gestão de mais de 150 milhões de libras britânicas direccionadas a causas filantrópicas em 34 países.

Tendo acumulado mais de 30 anos no ramo da filantropia, decidimos que Derek e Yvonne

eram as pessoas perfeitas para ajudar-nos a mergulhar em profundidade e compreender o que se passa dentro do sector.

O que significa a palavra filantropia para si?

Yvonne Moore: A pura definição de filantropia é “amor pela humanidade”. Sendo que me considero uma pessoa de fé, abordo isso de forma literal quando faço o meu trabalho, e tento navegar os espaços e as conversas, tendo precisamente isso em mente. De que maneiras você expressa amor pelas pessoas? Como você interage com elas, e como as trata? Você permite que as pessoas cheguem ao seu espaço tal como elas são, que tragam com elas a versão mais plena de si mesmas – e do seu trabalho – para fazerem parte de um verdadeiro intercâmbio?

Derek Bardowell: Penso que sempre estabeleço uma distinção entre a filantropia enquanto instituição, e filantropia exercida como prática. Quando se pensa nela como prática, ela é definida pelo que as pessoas doam dentro das suas comunidades. No ramo da filantropia, as pessoas negras e de outras comunidades marginalizadas através da racialização, tornaram-se boas no que fazem, não porque integraram o sistema, mas precisamente por terem lutado contra ele. Essas pessoas costumam resgatar alguns dos mecanismos que nasceram dentro das suas comunidades, e tentam implementar e introduzi-los num sistema extremamente extrativo e paternalista.

Então, dentro da sua prática, de que formas tem visto a instituição filantrópica criar dificuldades a entidades doadoras africanas que estão dispostas a financiar projectos? Que tipo de barreiras elas tendem a encontrar?

YM: As instituições de aconselhamento filantrópico nos Estados Unidos não se esforçam para providenciar um acompanhamento intencional a entidades doadoras da diáspora africana. Houveram casos em que uma pessoa artista muito famosa e quase bilionária foi – não posso propriamente dizer que tenha sido rejeitada de facto – mas certamente não houve um seguimento activo da parte da empresa de assessoria contactada pelas pessoas da organização.

Uma das pessoas com quem trabalho, defende que as empresas de assessoria não se esforçam nesse sentido, porque acreditam que as pessoas e entidades doadoras negras não têm capacidade para cumprir com os pagamentos. Existe esse pressuposto, esse mito, de que pessoas negras não têm riquezas.

Num desses dias após o assassinato de George Floyd, estava eu a falar com um doador que me dizia: “nem sequer têm ideias de projectos para mim. Não me conseguem ajudar.” As pessoas e entidades doadoras têm se tornado mais maduras do que as próprias instituições financeiras onde guardam o seu dinheiro, precisamente porque tentam sempre fazer mais do que lhes é proposto. No entanto, se não tiverem ao seu redor pessoas que as possam aconselhar de facto, elas estagnam. A pessoa tende a ficar naquele lugar, até perceber que existem outras opções.

Elas costumam encontrar outras opções? Existem exemplos de pessoas e entidades doadoras que estejam a passar por isso?

DB: : Na Inglaterra, a maioria das fundações independentes [doam menos de 6% das suas riquezas](#). No ano passado, entre todas as pessoas que doaram mais de um milhão de libras para ações caritativas, o [futebolista britânico negro] [Marcus Rashford foi quem doou a maior](#) percentagem da sua riqueza, comparando com pessoas e entidades doadoras em todo o país. Ele tornou-se um exemplo. Sim, é milionário, tem muito dinheiro, mas não é das pessoas mais ricas do país. Nem chega perto de uma das pessoas mais ricas do país, e mesmo assim, foi ele quem doou a mais alta percentagem.

Que questões estruturais estão em jogo aqui? Por que razão o dinheiro não é movimentado de forma efectiva nessas mesmas instituições que deveriam estar a redistribuir a riqueza individual?

DB: Todas as pessoas que se encontram ao redor de quem tem muitas riquezas – pessoas que auxiliam com serviços de assessoria, de defesa legal e de aconselhamento – têm como único objectivo: a) preservar a sua riqueza, b) manter os seus serviços activos. Não importa se se trata de uma pessoa ou entidade doadora negra ou branca, as mesmas estão sempre rodeadas de uma série de pessoas que têm a intenção de manter os seus serviços para sempre e também querem preservar a sua riqueza. Ao preservarem ou fomentarem o crescimento de recursos das entidades ou pessoas doadoras, as pessoas que as auxiliam conseguem então manter os serviços da entidade em questão, o que significa que não há um incentivo económico para que elas doem dinheiro por causas filantrópicas. Por isso, está-se constantemente a combater contra esse sistema que sustenta um modelo de preservação e retenção de clientes.

YM: Muitas das pessoas que fornecem serviços de assessoria financeira, e que têm a missão de proteger riquezas através de investimentos ponderados e sustentáveis, agem como se fossem assessoras cujo trabalho é redistribuir riquezas para causas significativas. Isso é extremamente irritante, porque existe uma diferença entre esses dois sectores quanto à motivação e a intenção. Pessoas que auxiliam com o serviço de assessoria financeira, trabalham para preservar riquezas. Por isso, não ligariam para a sua clientela a dizer “sabe o quê, invista mais dos seus recursos, gaste mais, doe mais.” Não é? Existe aqui um conflito que é inerente.

Então, como se pode apoiar entidades e pessoas doadoras para que movimentem montantes mais significativos?

DB: Na Ten Years Time, que é a organização para a qual trabalho, orientamos as entidades e pessoas filantrópicas para que embarquem numa jornada de sincera reflexão e ação radical. Desafiamos as pessoas a, não só doarem melhor, como também a questionarem realmente as suas práticas financeiras e filantrópicas. Também damos conselhos sobre como proceder para transformar essa cultura da preservação.

YM: Uma das razões que nos fez lançar a Moore Philanthropy é que, nós, Pessoas Negras, tendemos a doar; somos pessoas doadoras. Não somos somente receptoras. Exactamente. Não é preciso se ser uma pessoa rica para se querer doar dinheiro. Mais uma vez, nós já procedemos dessa maneira. Isso é uma das coisas que fazemos: permitir que as pessoas estabeleçam o seu fundo incluindo um serviço de assessoria. Se quiser construir um legado com a sua família e as suas crianças, existe um valor mínimo a partir do qual podemos começar a fazer doações: está estabelecido a cinco mil dólares americanos. No entanto, isso não quer dizer que não pode abrir uma conta connosco. Oferecemos um modelo de conta a partir do qual pode simplesmente começar a poupar e, quando chegar aos cinco mil, pode então começar a doar. Se quiser fazer isso – trabalhar com familiares e pessoas amigas – de uma forma mais estruturada, o círculo de doação é mais ou menos parecido. Também coordenamos alguns círculos de doação e simplesmente deixamos que as pessoas cheguem livremente. Se estiver a pensar na possibilidade de fazer filantropia de qualidade; uma filantropia ponderada, se quiser envolver pessoas amigas, familiares e crianças, venha livremente, venha tal como você é.

Nossas Parcerias

Ao longo desta revista, ouvirá tudo sobre a teoria e prática do financiamento do Programa Mil Correntes de África. Mas para onde vai realmente o dinheiro? Descubra mais sobre os nossos parceiros a partir das descrições abaixo.

[African Centre for Biodiversity](#) - African Centre for Biodiversity (ACB) é uma organização de pesquisa e advocacia que trabalha pela soberania alimentar e agroecologia em África, com foco em biossegurança, sistemas de sementes e biodiversidade agrícola. Estamos empenhados em dismantelar as desigualdades e resistir à expansão empresarial-industrial nos sistemas alimentares e agrícolas de África.

[Abahlali baseMjondolo](#) - Abahlali baseMjondolo é um movimento social democrático de pessoas pobres e moradoras de casas de construção precária (Shack dwellers) na África do Sul, que luta por terra, moradia e dignidade, mobilizando os sem-terra e construindo poder a partir de baixo.

[Amadiba Crisis Committee](#) (Comité de Crise de Amadiba) - O ACC e seus membros lutam para preservar a sua compreensão da vida, comunidade, sistemas de crenças indígenas, ecologia, terra e modos de vida sustentáveis.

[Health of Mother Earth Foundation](#) - Health of Mother Earth Foundation (HOMEF) é um grupo de reflexão ecológico fundado em 2011 que defende a justiça ambiental/climática e a soberania alimentar na Nigéria, Sudão do Sul e África em geral.

[Nous Sommes La Solution](#) - Nous Sommes la Solution é um movimento de mulheres rurais pela soberania alimentar na África Ocidental.

[South Durban Community Environmental Alliance](#) (Aliança Ambiental da Comunidade de Sul do Durban) - A South Durban Community Environmental Alliance (SDCEA) é uma organização que luta pela justiça ambiental com sede no Sul de Durban, África do Sul. Tem lutado activamente contra as indústrias tóxicas desde a sua formação em 1995.

[Surplus People's Project](#) - PPE visa promover a transformação agrária para a terra, alimentos e justiça climática na África do Sul por meio de três programas inter-relacionados: Agroecologia e Soberania Alimentar, Posse de Terra e Direitos dos Trabalhadores Rurais.

[Zimbabwe Smallholder Organic Farmers' Forum \(ZIMSOFF\)](#) (Fórum de pequenos Agricultores Orgânicos do Zimbabwe) - A missão do ZIMSOFF é influenciar políticas e aumentar a conscientização pública sobre a agroecologia e os direitos dos pequenos agricultores no Zimbábwe. ZIMSOFF têm uma adesão de 12.000 pequenos agricultores.

[Association pour la Taxation des Transactions pour l'Aide aux Citoyens \(ATTAC\) Maroc](#) - ATTAC Maroc é uma associação de educação popular orientada para a acção comprometida com as lutas no Marrocos contra a globalização

capitalista e a dominação das instituições financeiras internacionais.

[Kenyan Peasants League](#) - Kenyan Peasants League (KPL) é um movimento social de agricultores e consumidores quenianos cujo principal objectivo é promover o campesinato e a agroecologia como meio de garantir a soberania alimentar.

[L'Observatoire Tunisien de l'Economie](#) - OTE é uma rede informal de activistas, pesquisadores & pesquisadores que actuam para mudar o modelo de desenvolvimento da Tunísia. OTE busca democratizar quem tem o acesso, quem pode entender e se envolver com as políticas económicas da Tunísia.

[The Malawi Union for Informal Sector](#) (Sindicato do Sector Informal do Malawi) - Malawi Union for Informal Sector (MUFIS) foi formado em 2000 para organizar, promover, proteger e negociar questões relacionadas aos direitos dos trabalhadores e trabalhadoras da economia informal.

[Participatory Ecological Land Use Management Zimbabwe \(PELUM Zimbabwe\)](#) - A missão de PELUM Zimbábwe é aprimorar as práticas de gestão participativa e ecológica do uso da terra para melhorar a segurança nutricional, meios de subsistência e sustentabilidade ambiental.

[The Rural Women's Assembly](#) (Assembleia das Mulheres Rurais) - A The Rural Women's Assembly (RWA) é uma rede auto-organizada de movimentos nacionais de mulheres rurais, assembleias, organizações de base e segmentos de sindicatos, federações e movimentos camponeses mistos em dez países da África Austral.

Parcerias Catalisadoras

Antes de entrar numa parceria a longo prazo, as Mil Moedas iniciarão a relação com os nossos parceiros através de uma subvenção de um ano chamada "Catalyst Grant". Continua a ser um financiamento central e flexível, mas ao contrário das nossas parcerias a longo prazo, tem uma data de fim pré-determinada.

[Sam Moyo African Institute for Agrarian Studies \(SMAIAS\)](#) (Instituto Africano de Sam Moyo para Estudos Agrários) - O SMAIAS é um instituto de pesquisa independente que se concentra em iniciativas de pesquisa interdisciplinar, diálogos políticos, formação e disseminação de informações.

[Seed Savers Network Quênia \(SSN-Quênia\)](#) - A SSN-Quênia é uma organização de apoio ao movimento sem fins lucrativos focada no fortalecimento dos sistemas

de sementes geridos por agricultores, resistindo à agricultura industrial e desafiando a biopirataria.

[Muyissi Environnement](#) - Muyissi é uma organização não-governamental nacional sem fins lucrativos no Gabão. Trabalha para proteger o meio ambiente e defender os direitos das comunidades afectadas pela exploração dos recursos naturais.

[Association Technique d'Appui à la Sécurité Alimentaire Nutrition et la Protection de](#)

[l'Environnement \(ATASANPE\)](#) - ATASANPE é um grupo de agrónomos & agrónomas, nutricionistas, ambientalistas, juristas e sociólogos & sociólogas que promovem a soberania alimentar e a protecção ambiental no Chade.

La société coopérative simplifiée Walé des Artisans Pêcheurs de Grand-Lahou (SCSWAPGL) - [SCSWAPGL](#) é uma rede de 315 pescadores & pescadoras artesanais na Costa do Marfim, predominantemente mulheres, que contribuem para satisfazer as necessidades dos membros através de formações, partilha de informação, compra de equipamento de pesca e promoção de actividades socioeconómicas que ajudam a melhorar a resiliência das comunidades piscatórias às alterações climáticas.

[Groupe de Recherche et d'Action pour le Bien-Etre au Bénin \(GRABE Benin\)](#) - GRABE-Benin tem trabalhado para regenerar e salvaguardar os ecossistemas naturais do Benin através da biodiversidade cultural, eco-cidadania e desenvolvimento local e apoio aos povos indígenas.

As Nossas Áreas Temáticas

Soberania Alimentar - Soberania alimentar é o direito dos povos a alimentos saudáveis e culturalmente apropriados produzidos por métodos sustentáveis, e seu direito de definir seus próprios sistemas alimentares e agrícolas em suas próprias terras. Inclui a luta pela terra e uma verdadeira reforma agrária que garanta que os direitos de uso e gestão de terras, territórios, água, sementes, pecuária e biodiversidade estejam nas mãos de quem produz alimentos.

Justiça Climática - A justiça climática é uma estrutura de contextualização das

crises climáticas (ou seja, colapso de ecossistemas, perda de vida na terra e na água, aumento das temperaturas, danos ambientais como o envenenamento de terras e águas e eventos climáticos subsequentes, como inundações e furacões) através de uma lente de justiça social. Oferece um quadro histórico do actual extrativismo e capitalismo como base para entender as causas profundas das crises climáticas e mostra que nem todas as pessoas são impactadas igualmente pelas mudanças climáticas. Uma lente de justiça climática fomenta uma relação recíproca com a terra, guiada por sistemas de conhecimento indígenas.

Justiça Económica - Nas palavras de Âurea Mouzinho, "Se 'a economia' for entendida como uma série de relações, instituições e práticas orientadas para o sustento dos meios de subsistência", então a justiça económica é uma série de sistemas ou práticas que oferecem economias colectivas, orientadas para o cuidado, regenerativas e emancipatórias que promovem o bem-estar e garantem que aqueles que nele se envolvem estejam bem, bem alimentados e bem cuidados.

O Financiamento De Movimentos Sociais Não É Um Risco, Mas Sim, A Nossa Melhor Aposta

Por Luam Kidane

Nas últimas décadas, descendentes dos que construíram práticas económicas neoliberais têm-nos dito que o problema não é o capitalismo, mas sim, o problema é como ele está a ser aplicado.

“A queima de carbono proveniente de combustíveis fósseis numa parte do mundo não pode ser ‘equilibrada’ pela compensação do carbono dos ciclos naturais de carbono terrestre - não é assim que os ecossistemas funcionam”.

[COP25: KEEP CARBON MARKETS OUT OF THE PARIS RULEBOOK!](#)

Nas últimas décadas, descendentes dos que construíram práticas económicas neoliberais têm-nos dito que o problema não é o capitalismo, mas sim, o problema é como ele está a ser aplicado.

No entanto, não podemos sair da actual crise [climática usando a mesma lógica capitalista](#) que nos levou a ela. As [propostas](#) que dependem da continuação dos sistemas económicos neoliberais para enfrentar a crise [climática destinam-se a utilizar os princípios da chamada economia de mercado livre para enfrentar a desigualdade global](#) e as injustiças sociais. O problema? A lógica subjacente a estas soluções ainda insiste na primazia do lucro, do trabalho alienado, da concentração do poder e da acumulação constante - e não no bem-estar das pessoas e do planeta.

Uma solução que a lógica capitalista nos ofereceu foi a das Parcerias Público-Privadas (PPP). Tomemos por exemplo, a Nova Aliança para a Segurança Alimentar e Nutrição em África, uma PPP lançada em 2012. A aliança visava fornecer ajuda de países do Norte Global para facilitar o investimento na agricultura industrial em África. Os países africanos

adoptariam “quadros de cooperação” que delineavam os seus compromissos políticos, e as empresas do Norte Global forneceriam “cartas de intenções” identificando os investimentos [que pretendiam financiar](#).

[Mas o que realmente aconteceu?](#) A aliança tornou mais fácil para as empresas apoderarem-se de terras sob o pretexto de investir nelas, impedindo ao mesmo tempo os agricultores de poupar, reutilizar e trocar as suas sementes para promover e proteger os direitos de propriedade intelectual das empresas. Também promoveu fortemente os fertilizantes químicos e pesticidas, o que aumentou o risco de endividamento dos agricultores e prejudicou a sua saúde e o ambiente, e incentivou os empregos inseguros e de baixo salários, promovendo a agricultura sob contrato, dando prioridade às culturas destinadas à exportação à custa da biodiversidade local.

Outro exemplo são os mecanismos de limitação e comércio de emissões que sugerem que a queima de carbono de combustíveis fósseis numa parte do mundo pode ser “compensada” através

da compensação do carbono dos ciclos naturais noutra parte do mundo. Só que, [não é assim que os ecossistemas funcionam](#).

Esquemas de compensação de carbono como [REDD+](#) resultaram na deslocação forçada de pessoas das suas terras em todo o Sul Global. Além disso, estes esquemas ocultam o facto de que o [petróleo, o gás, o carvão, a exploração madeireira industrial e o agronegócio, e as infra-estruturas industriais de grande escala, tais como as mega-barragens](#), são os principais contribuintes para a crise climática. O depósito destes riscos aos pés das comunidades do Sul Global, para que os povos do Norte Global possam continuar os seus negócios como habitualmente, perpetua mais uma vez as estruturas económicas geopolíticas que deram origem ao problema.

Temos de ser claros: a filantropia existe devido à concentração da riqueza detida por poucos. Muitas vezes os indivíduos ricos em filantropia detêm o poder não só através da sua riqueza mas também através das suas “doação”. Embora, o sector possa ser tímido quanto à ideia de que a riqueza deve ser contida, neste momento trata-se de uma questão de sobrevivência. Na filantropia, os fluxos financeiros são frequentemente desviados para sistemas que aprofundam as desigualdades económicas estruturais e a opressão. Noutros casos, apoia [falsas soluções climáticas](#), tais como a fixação do preço do carbono e a bioenergia.

Por isso, como alguém que financia, gostaria de colocar uma questão a qual me tenho feito desde o início: Como podemos transferir poder e dinheiro para movimentos sociais e

comunidades que estão a criar alternativas aos modelos económicos capitalistas? O risco – e como pensamos sobre ele – este é um ponto por onde podemos começar.

Aqueles que têm interesses adquiridos no capitalismo estão dispostos a fazer grandes apostas para ver as suas visões económicas e políticas ganharem vida, quer estas ideias funcionem ou não. Não compreendem tais investimentos como riscos, não importa quantas gerações de provas tenhamos de que estas visões e práticas estão a matar o planeta.

No entanto, apoiar movimentos sociais progressistas que estão a construir alternativas sistémicas ao patriarcado, capitalismo, fundamentalismos e fascismo ainda são considerados “demasiado arriscados” para serem financiados por muitos em filantropia. Isto apesar das [evidências](#) que demonstram que a mudança duradoura é impulsionada por movimentos autónomos. Como colegas, eu e Felogene Anumo, já discutimos, muito do que é considerado como risco na filantropia é frequentemente a forma como os financiadores reforçam as estruturas de poder e a hierarquia existentes.

Zahra Dalilah, Gestora de Parcerias da Diáspora Africana na Thousand Currents, [escreve](#) assertivamente quando afirma que, *“na maioria das vezes os movimentos mais ousados e desafiantes, com a capacidade de fazer as mudanças mais radicais, impactantes e curativas são percebidos como os de maior risco para financiar.”*

Mas os movimentos sociais precisam de ser entendidos como grandes apostas que a filantropia precisa fazer, se quisermos ter uma oportunidade de encontrar uma saída para as múltiplas crises em que nos encontramos.

Temos muitos exemplos de como estes movimentos estão a lutar por, e a decretar, justiça e equidade. Durante os últimos 12 anos, uma das parcerias das Thousand Currents, o Amadiba Crisis Committee (Comité de Crises do Amadiba) tem estado envolvido numa luta à escala comunitária, enfrentando o governo sul-africano e uma corporação mineira australiana para travar a destruição ambiental e o deslocamento que a exploração mineira causaria. Este trabalho resultou em algumas vitórias legais que estabeleceram precedentes sobre o consentimento prévio e informado.

Uma outra parceria, o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terras (MST) liderou - com aproximadamente 370.000 famílias - mais de 2.500 ocupações de terras em todo o Brasil desde 1984. Hoje, o MST ganhou 7,5 milhões de hectares de terra como resultado das suas ocupações. Actualmente, 370.000 famílias vivem nestas mesmas terras.

Com mais de 200 milhões de membros, La Via Campesina influenciou várias decisões políticas - incluindo a adopção em 2018 da Declaração sobre os Direitos dos Camponeses, das Camponesas e Outras Pessoas que Trabalham em Áreas Rurais pela Assembleia Geral das Nações Unidas, o

primeiro instrumento político global do seu género.

Então, como pode a filantropia apoiar melhor tais movimentos? Aqui estão algumas sugestões:

1. Fornecer subvenções de base flexíveis para que os movimentos possam aceder a financiamentos que confiem na sua perícia, e não financiamentos rígidos e baseado em projectos específicos, totalmente desajustados às necessidades dos movimentos.

2. Financiamentos de períodos mais longos é fundamental. Mudanças sistémicas levam tempo e o financiamento a longo prazo dá aos movimentos o espaço de que necessitam para experimentar, decretar, e materializar as suas visões de libertação.

3. Assegure-se de que a sua abordagem ao financiamento está enraizada na aprendizagem. Concentre-se em assegurar continuamente que os seus sistemas trabalham com, e não contra, formações de movimento. Questione-se constantemente, se o que está a fazer é criar um ambiente mais propício para os movimentos que está a financiar. Se não tiver a certeza, pergunte aos próprios movimentos. Esteja disposto a mudar as suas práticas se elas não estiverem a criar um ambiente mais propício para as formações de movimentos.

4. Desvie as suas ferramentas de aprendizagem da métrica de curto prazo, em silos. A construção de movimento não é linear ou de curto prazo, pelo que as ferramentas de aprendizagem que encorajam a complexidade e não punem a experimentação são fundamentais.

5. Num mundo justo e equitativo, a desigualdade da qual a filantropia depende não existiria. Por isso, **despenda esforços** (spend down), deslocando subsídios maiores para movimentos que estão a criar um mundo onde a filantropia não existiria e não poderia existir.

Temos de financiar, confiar, e aprender com os movimentos. Não o fazer seria o maior risco para todos.

“Aujourd’hui, c’est aujourd’hui” : Navegando dinâmicas de poder e ampliando vozes no seio de um Fundo oeste-africano liderado por activistas.

Por Caroline Kouassiaman

Y sabe quando você está a dormir debaixo de um mosquito e, ainda assim, alguns mosquitos vêm encontrá-la lá dentro, porque persistem, apesar das melhores tentativas que você estiver a mobilizar para se proteger contra eles? Depois, há também os outros mosquitos que continuam a pairar ao redor, à espera que você saia. Apesar do bonito discurso actual em torno da mudança das dinâmicas de poder e da descolonização no sector filantrópico e do desenvolvimento internacional, questões tais como o colonialismo, o racismo, o sexismo, a homofobia e a transfobia têm sido extremamente resistentes – tal como os mosquitos.

Rodam em torno de uma determinada área, talvez não tão perto ao ponto de se poder ouvir o aviso dos seus zumbidos, mas estão sim presentes. Na maior parte dos casos, não nos deparamos com as expressões ou com as ações mais óbvias, mas encontramos, sim, micro-agressões que levam a que nos perguntemos “o que foi que acabou de acontecer afinal?”, em plenas reuniões. Presenciamos também o silenciamento subtil de certas vozes, vemos contribuições que desafiam o status quo e que passam a discussões “offline” ou “bilaterais”, vemos os comentários de certas pessoas a serem ignorados num documento partilhado, vemos a forma como certas pessoas são consideradas especialistas de um determinado assunto.

Em 2020, eu era a relativamente nova Directora Executiva da Initiative Sankofa d’Afrique de l’Ouest, um Fundo oeste-africano liderado por activistas, baseado na África do Oeste, e que opera lá mesmo. Durante o exercício das minhas funções, deparei-me com uma situação para a qual não estava nada preparada: vi-me forçada a arriscar a minha carreira e a minha organização, para enfrentar quem detém o poder.

No ano anterior, em 2019, embarcámos numa série de engajamentos para construir uma parceria com uma organização poderosa do Norte Global, para trabalhar num futuro projecto. Estávamos muito entusiasmadas para fazer parte do processo de desenvolvimento e para contribuir extensamente com as nossas ideias, sobretudo no quadro de uma futura parceria para a implementação da nossa visão.

À medida que fomos avançando nesse processo, haviam questões de coordenação e de liderança, que eram sobretudo ligadas à pessoa responsável por essas funções. Olhando para trás, noto que os mosquitos já se encontravam presentes – havia muitos sinais. Em 2020, pouco após uma chamada de consórcio que foi tensa e prolongada, algumas de nós começou a trocar mensagens pelo WhatsApp, que rapidamente nos levaram a nos organizarmos. Tínhamos chegado ao nosso ponto de ruptura – como se diz na Costa de Marfim, “hoje é hoje”¹.

Existem várias identidades interseccionais que são fundamentais, não só para o trabalho que fazemos enquanto ISDAO, mas também para a forma “como” o fazemos. Somos feministas. A nossa liderança é activista, trabalha com arrecadação de fundos participatória, somos primeiramente e orgulhosamente lideradas por e para pessoas LGBTQI+ na África do Oeste. Por outra, o nosso objectivo é transformar a forma como a filantropia funciona nas nossas regiões e comunidades. Acreditamos fortemente que, se queremos mesmo construir movimentos, devemos estar prontas a ter conversas difíceis sobre poder e privilégio, onde quer que vamos, ou então, devemos ser nós mesmas a iniciar essas mesmas conversas. Sendo eu queer Negra, feminista e uma mulher africana, senti a necessidade de denunciar o que estava a acontecer.

Nesse sentido, e em conjunto com outras mulheres do grupo, decidimos que não podíamos ficar em silêncio e apresentamos uma queixa contra o homem branco cisgénero encarregado da coordenação da parceria em questão. Tivemos que providenciar testemunhos e provas. Por isso, pusemo-nos a escrever...

Páginas e páginas de testemunhos individuais e colectivos, anexando a isso provas contidas em emails, notas de reuniões e gravações. Escrevemos sobre termos sido silenciadas, postas de lado, ignoradas ou minimizadas enquanto mulheres no grupo. Sobre micro-agressões. Sobre a cultura da supremacia branca²

que se perpetua no seio das relações entre as nossas organizações. Sobre a abordagem paternalista e descendente no acto de se trabalhar com comunidades africanas LGBTQI+, e sobre a forma de pensar sobre elas. Sobre sermos tokenizadas. Sobre sermos solicitadas para “trazer soluções” a desafios que, à partida, eram de responsabilidade comum. Sobre como a informação individual e organizacional tem sido partilhada publicamente sem o nosso consentimento. Sobre linhas turvas no que diz respeito à responsabilidade e ao poder entre nós, a pessoa que lidera o projecto, e a organização.

Escrevemos. E ficámos à espera.

Cerca de três meses depois, recebemos uma resposta oficial à seguir a uma suposta investigação. A resposta era curta, contida num email de quatro frases, concluído da forma seguinte: “ sem indicações para necessidade de investigação formal adicional, e caso encerrado”

Supus ingenuamente que outra resposta viria a seguir – algo sobre medidas a serem tomadas, um reconhecimento da gravidade das questões levantadas, e as iniciativas que seriam tomadas para resolver essas mesmas questões.

Nada disso aconteceu.

O que acabou por acontecer foi que as pessoas que representam a organização, contactaram a ISDAO com o intuito de retomarem as conversas sobre o nosso possível envolvimento no projecto. Nenhuma reclamação foi

mencionada. Estavam à espera que continuássemos a trabalhar juntas, business as usual. Como se nada tivesse acontecido.

Para a ISDAO, isso estava “fora de questão”

- nós virámos as costas. Ainda que tenha sido pelo simples facto de terem seriamente mudado de posicionamento relativamente à forma como tencionávamos estar envolvidas no projecto logo à partida. A

Tanto essa história em si, como a sua narração, são a encarnação do espírito de Sankofa, que é tão fundamental para nós ao ponto de estar integrado no nome da ISDAO. Se não tivéssemos como bases a nossa intuição e os nossos valores e se, pelo contrário, seguíssemos o dinheiro e as oportunidades, teríamos abandonado o que temos de mais precioso.

seguir a isso, sentamo-nos e calculámos as horas de trabalho executadas pela nossa equipa aquando da nossa contribuição ao projecto, que durou mais de 12 meses. Decidimos custear essas horas de trabalho, e solicitar pagamentos. Com determinação e antecipação alimentadas pela letra da música Bitch Better Have My Money, da Rihanna, e com a inspiração da Beyoncé, cantando “Fuck You Pay Me”, fiz seguir a nossa reivindicação.

Não nos pagaram.

Olhando para trás, vejo que a presente situação poderia ter-se desenvolvido de várias formas possíveis. Nas primeiras conversas que tivemos sobre a reclamação, uma das pessoas com quem trabalho queria “explodir com tudo” usando os nossos contactos mediáticos colectivos para chamar a atenção

da organização de forma pública. Na altura, aconselhei que procedêssemos com cautela e sublinhei a importância de se “passar pelo processo”. Será que teríamos tido resultados diferentes se tivéssemos optado pela via mediática? Será que esperamos demais, ou será que devíamos ter denunciado o que se passava, mais cedo?

Quando penso nessa situação, encontro força no conceito de Sankofa, que nos traz um lembrete sobre a necessidade de voltarmos à nossa história/estória/histories/herstories, e olharmos para o passado com o intuito de construir um futuro melhor. Tanto essa história em si, como a sua narração, são a encarnação do espírito de Sankofa, que é tão fundamental para nós ao ponto de estar integrado no nome da ISDAO. Se não tivéssemos como bases a

nossa intuição e os nossos valores e se, pelo contrário, seguíssemos o dinheiro e as oportunidades, teríamos abandonado o que temos de mais precioso. Teríamos ignorado todas as experiências de financiamentos conflituosos e destrutivos que várias vezes enfraqueceram e limitaram o escopo da força organizacional LGBTQI na África do Oeste.

No meu testemunho pessoal, que também foi anexado à reclamação, escrevi:

Penso que é importante observar o lugar a partir do qual eu mesma falo, e olhar também para o poder e privilégio que se manifestam nessa situação. Isso também me leva a expressar-me e a testemunhar sobre o que eu tenho visto acontecer no seio do grupo. Reconheço que, embora eu seja uma mulher queer africana, cheguei nesse espaço enquanto pessoa que também vem do Norte Global, que fala com um sotaque americano, e que tem um nível de familiaridade, de conhecimento e de relações dentro do mundo filantrópico. Eu reconheço que isso possa ter um impacto sobre a forma como eu sou vista, ouvida, ou sobre a forma como as pessoas se relacionam comigo. Embora eu não tenha passado directamente e conscientemente pela óbvia condescendência, o apagamento, o estado defensivo e o silenciamento exercido por essa pessoa, como foi o caso para outras mulheres dentro desse grupo, eu também passei por isso, e certamente pude testemunhar esses acontecimentos em primeira-mão. E, sempre que possível, procurei ao máximo ampliar as suas vozes e

as suas contribuições cruciais dentro do grupo.

Desde então, outras pessoas do grupo decidiram voltar a trabalhar com essa organização, tendo como estratégia a tentativa de influenciar as dinâmicas a partir de dentro.

A ISDAO não o fez.

O facto de sermos uma organização africana filantrópica onde activistas tomam sobretudo decisões, implica também termos que lidar com toda uma série de questões (particularmente, mas não exclusivamente vindas de instituições financeiras do Norte Global e de parcerias) sobre a nossa credibilidade, a nossa responsabilidade, e para saber se temos competência e capacidade suficiente para fazer o que fazemos. Eu precisava de escrever essa história porque, mesmo em casos onde uma organização como a nossa existe e está a tornar-se cada vez mais forte, mais resiliente, e mais visível, esses mosquitos que fazem zumbidos à nossa volta, não pararam – e não me parece que irão parar tão cedo.

Ao escrever essa história, eu também queria embarcar na tarefa crucial que é a documentação da resistência da ISDAO e a nossa determinação para construirmos o nosso trabalho de formas a sermos responsáveis perante as nossas comunidades. Eu queria que isso fizesse parte da nossa história viva

**que se soubesse que estamos
a construir uma organização
jovem, africana, liderada por
activistas que se recusam a**

**simplesmente ficar em silêncio
para aceitar os termos e os
financiamentos que as outras
pessoas nos queiram dar.**

A ISDAO foi inicialmente criada por um grupo de mulheres activistas queer e entidades de financiamento, e, de forma gradual, se definiu e se moldou através da liderança e do pensamento visionário de activistas LGBTQI e de pessoas aliadas em toda a África do Oeste. Criámos a organização, não só para angariar fundos para a comunidade, mas também para contribuir para a construção de um movimento LGBTQI com princípios baseados numa ideologia. Um movimento que não é somente uma suma de projectos e de actividades, mas que tem uma visão para a transformação e a libertação, para uma África do Oeste mais justa e mais equitativa.

Eu gostaria que essa história tivesse um fim mais glorioso. Gostaria de poder dizer que as contribuições intelectuais e o trabalho foi finalmente reconhecido – ainda que não tenha sido compensado. No entanto, no final, foi possível providenciarmos fundos para muito do que tínhamos previsto no projecto original. Talvez isso tenha levado mais tempo, mas somos mais fortes do que nunca.

O que celebramos, é o facto dessa experiência fazer/ter feito parte de uma caminhada para a construção de poder, para o uso do nosso próprio poder, e para sermos poderosas enquanto organização e entidade de financiamento africana, LGBTQI, liderada por

activistas. Isso faz parte da nossa trajetória de vida enquanto feministas. Faz parte do caminho que implica viver de forma solidária, pensar de forma colectiva e, ultimamente, ser responsáveis para connosco mesmas.

Notas:

1 Expressão ivoiriense. Se traduz literalmente por “hoje é hoje”. A expressão alternativa mais próxima seria em pidgin: “today na today”, que na sua essência, quer dizer “hoje é o dia do juízo final” ou “hoje é O Dia”.

2 Dismantling Racism: A Workbook for Social Change Groups, by Kenneth Jones and Tema Okun, ChangeWork, 2001.

Sumário das características:

https://www.thc.texas.gov/public/upload/preserve/museums/files/White_Supremacy_Culture.pdf (Acessado em : 18 de Abril, 2022)



Arte e design de Amir Khadar

Invertendo a Inovação através da Economia Restaurativa:

Aprendendo com o nosso passado para sarar o nosso presente

Por Nwamaka Agbo

Quando eu era criança, lembro-me de viajar para as aldeias ancestrais dos meus pais na Nigéria.

As nossas aldeias familiares situavam-se em terra que era governada por um clã familiar. À medida que as gerações mais velhas passavam e transitavam para antepassados. O clã reunia-se para redistribuir as terras disponíveis aos membros masculinos da família alargada. A norma para esta redistribuição era feita de acordo com a antiguidade, e as estratégias regenerativas de gestão da terra. O impacto vem sendo duplo: 1) este sistema preserva a aldeia ancestral, fornecendo casas para todo o clã, e 2) a sustentabilidade e integridade da terra é mantida durante gerações.

O meu trabalho em [Economia Restaurativa](#) é directamente inspirado e substanciado pelas formas como a minha família, e o povo da Africa, Afrodescendentes e comunidades Negras em todo o mundo, desenvolveram estas práticas e acordos. A Economia Restaurativa é o trabalho de criar prosperidade partilhada, autodeterminação e poder político colectivo através de projectos de propriedade comunitária e liderados pela comunidade. Estes estão ligados a tradições e práticas de partilha colectiva de recursos, competências e trabalho. Reflectindo sobre estas tradições, comecei a questionar a interminável busca do

Norte Global pela inovação, por algo novo, algo que nunca existiu.

Classificar continuamente processos, conceitos e produtos como «novos» significa que estes podem ser obtidos, rotulados e comercializados com fins lucrativos. Em suma, o conceito de inovação constante é utilizado para impulsionar sistemas baseados no mercado extractivo, recompensando «aqueles que os inovam» como seres únicos e especiais que estão separados das comunidades ou colectivos dos quais emergem.

Ao concentrarmo-nos no “novo” como algo separado do nosso passado pode também fazer-nos não perceber as principais causas das falhas sistémicas que nos atormentam no presente.

Mas as nossas histórias de organização social podem ajudar-nos a facilitar uma maior ligação e colaboração para abordar as disparidades em todo o mundo.

O conceito de Sankofa da África Ocidental - «Volte e leve de volta» - é visualmente representado por uma ave que estica o seu pescoço para olhar para sua cauda. Estas palavras e [esta imagem](#) representam a crença de que temos de aprender com o nosso passado para traçarmos o nosso caminho para a frente. Este não é um conceito novo, mas é um conceito útil.

E se pensássemos na inovação através da lente de Sankofa? Em vez de procurarmos criar algo novo, ou de renomearmos algo antigo como novo, será que podemos aprender com as culturas indígenas, que têm administrado os seus recursos críticos ao serviço do bem colectivo e não do ganho privado? Que estratégias podemos aprender com o nosso passado para nos ajudar a sarar as nossas desigualdades económicas, sociais e políticas sistémicas - e informar como avançamos para um futuro em que todos prosperamos juntos?

Actualmente há muitos exemplos de colectivos e instituições modernas que trabalham com modelos do passado para orientar o seu trabalho. Um exemplo é a adaptação do [modelo Sou-sous](#). Historicamente, os *Sou-sous* reuniram mulheres em solidariedade financeira para alcançar os seus objectivos e marcos económicos. Recentemente, eles ressurgiram como uma espécie de clube de poupança dos tempos modernos. Na filantropia, [os círculos de presentes](#) concebidos para apoiar os membros

da comunidade em geral, e não apenas os membros do círculo, são outra variação moderna na estrutura do *Sou-sous*.

O modelo *sou-sous* também inspirou a concepção de um projecto de que faço parte, chamado [Thrive Africa](#). Thrive Africa, reuniu migrantes da África que vivem nos Estados Unidos para angariar fundos para apoiar imigrantes da África, que lutam para se estabelecerem no país. Como povo da África, todos nós poderíamos nos identificar com o que é reunir recursos para ajudar alguém a reinstalar-se num país estranho e novo. Vimos os nossos próprios pais reunir pequenas quantias de dinheiro para criar uma soma muito maior do que as suas partes separadas

As tradições comunitárias passadas também têm muito a ensinar-nos sobre estratégias para a gestão da terra. Em todo o mundo, comunidades e famílias tem acordos escritos e não escritos sobre como gerir e administrar os recursos colectivos através de gerações para o bem-estar da comunidade. Este compromisso para com o bem-estar colectivo uns dos outros, surge quando a administração de bens partilhados transcende a propriedade.

Por exemplo, os sistemas de governação dos clãs utilizados pela minha família na Nigéria têm sido amplamente utilizados em todo o continente africano como uma forma de manter o poder económico, cultural e político baseado no lugar para uma comunidade. Estas estratégias remontam a gerações passadas e continuam existentes, apesar de serem

ameaçadas por leis modernas que exigem provas de escrituras e títulos de propriedade que documentem a posse da terra.

A propriedade comunitária de activos foi concebida para agregar e gerar riqueza financeira para o bem do conjunto. Esta gestão colectiva dos recursos naturais assegura a todos nós o acesso aos alimentos, ar limpo, água e energia de que necessitamos para viver vidas autodeterminadas. No entanto, o colonialismo e o capitalismo dos colonos tornou possível para pessoas de fora extraírem valores dos recursos, uma vez detidos em comum, deixando a comunidade a sofrer todos os impactos sociais e ecológicos e sem receber nenhum dos benefícios.

Ao procurarmos fazer a transição de uma economia capitalista extractiva, devemos também separar-nos dos outros sistemas que a sustentam e reforçam, tais como a supremacia branca e o patriarcado. Nisto, Sankofa oferece um olhar perspicaz para nos ajudar a avaliar o que é útil e necessário para aprender com o nosso passado, a fim de o fazer avançar para o nosso presente. Também nos dá a oportunidade de pausar e reflectir sobre o que deve permanecer no passado, porque já não nos serve no contexto moderno.

Por exemplo, a estratégia de governação do clã que juntamente protege contra a injustiça como contra a exploração na minha família também perpetua as desigualdades de género. A estratégia de administração de terras da nossa família continua enraizada



no poder patriarcalista e no controlo dos homens da aldeia, ao mesmo tempo que não dá voz ou influência às mulheres. Não permite flexibilidade na forma como as famílias podem se alterar e mudar ao longo do tempo, à medida que as pessoas envelhecem e a sociedade progride. Embora, mantendo o respeito pelos meus pais e as demais respeitadas figuras do clã, não posso deixar de pensar em onde alguém como eu se poderia encaixar nestas práticas culturais. Sob as práticas actuais, a única forma das minhas irmãs e eu reclamarmos pelas terras é através do meu irmão mais novo. A escolha entre a auto-submissão e a manutenção de uma prática cultural geracional e a história familiar é falsa.

O trabalho que temos perante nós é estudar, aprender e refinar a sabedoria das nossas culturas e tradições passadas, e usá-las como luz orientadora para a forma como avançamos juntos num mundo mais sustentável, justo e equitativo. A capacidade de traduzir práticas passadas no nosso contexto cultural actual é uma habilidade essencial para continuar a dismantelar sistemas de opressão, enquanto experimentamos estratégias actualizadas de partilha de recursos e construção de riqueza comunitária.

No meu trabalho, desenvolvi, organizei e operacionalizei os princípios por detrás da estrutura da economia restaurativa, incorporando o que aprendi e experimentei com aqueles que me rodeiam. O nosso empenho em sarar, crescer e transformar como indivíduos pode ligar-se ao nosso

desejo de remodelar sistemas e práticas do passado.

Resistir ao impulso ocidental de capitalizar através do individualismo, é uma luta interna constante de que devemos estar conscientes se estamos comprometidos com os princípios da economia cooperativa.

Ao trabalhar com a Thrive Africa, tenho reflectido sobre como os poderosos manipulam o ego e o capitalismo para reivindicar algo como inovação, e como isso pode ser uma tentação cativante. Contudo, fazê-lo afastar-nos-ia mais dos nossos valores de cuidado e bem-estar colectivo, que carregamos em sintonia com a nossa cultura e tradições, e que são a própria integridade do projecto.

Os sistemas são constituídos pelas escolhas que os indivíduos, particularmente os que estão no poder, fazem todos os dias. Os nossos sistemas podem tornar-se mais compassivos apenas se interiorizarmos um espírito de empatia e generosidade para com os nossos vizinhos e os necessitados. As políticas só são bem-sucedidas se forem implementadas por pessoas empenhadas em concretizar a esperança e a promessa inscritas em leis concebidas para mudar sistemas e práticas

extractivas e opressivas.

As práticas de administração de terras da minha família é um dos muitos exemplos de como criar mais riqueza e bem-estar holístico para a comunidade. Em última análise, apelar às tradições e práticas económicas colectivas do passado enquanto se tomam decisões em conjunto com base em valores partilhados é o que constrói a nossa capacidade colectiva de transição para um mundo futuro mais justo e equitativo.



**Mudando
Corações e
Mentes:
Como fazer
doadores
financiarem
Movimentos
Sociais Africanos**

*Por Crystal
des Ogugua*



Estamos no meio de uma contínua ameaça existencial em relação as mudanças climáticas, e os movimentos da linha de frente - particularmente os do Sul Global - suportaram o peso de responder aos impactos resultantes. Os movimentos têm sido ousados e ambiciosos ao abordar a contaminação de suas fontes de água e ar, o desmatamento de suas terras ancestrais e o aumento de desastres naturais (<https://thousandcurrents.org/solutions/#climate>) e seus efeitos desproporcionais na intersecção da opressão de género, pobreza e racismo. No entanto, esses movimentos são os menos apoiados directamente pela filantropia institucional.

Hoje, existem 2.668 bilionários no mundo, 573 a mais do que em 2020, segundo um [relatório da Oxfam](#) de 2022. Essas entidades financiadoras, novas e antigas, se comprometeram a fornecer soluções climáticas, e nós vemos isso como uma oportunidade de influenciar como o dinheiro se move para que possa finalmente alcançar os movimentos da linha de frente que têm a

visão e a estratégia para resolver a crise.

Parte do nosso trabalho no programa de educação de doadores é empurrar nossos financiadores e financiadoras para a solidariedade, como uma prática para transferir o poder para os movimentos de base. Isso envolve desafiar os sistemas extractivistas do patriarcado, capitalismo, racismo e colonialismo, e construir alternativas mais justas enraizadas em valores e práticas feministas, Indígenas, Negras e Afro-descendentes. Nossas estruturas pedagógicas pretendem descentrar as teorias que perpetuam abordagens coloniais de doação, como o salvadorismo branco.

Por exemplo, as soluções climáticas baseadas no Ocidente, há muito tempo usam África como base para experimentação de suas estruturas, investindo em soluções climáticas criadas

por “especialistas” externos, sem levar em consideração as perspectivas e necessidades das comunidades para as quais estão sendo projectadas. Em vez disso, elevamos as nossas parcerias como líderes de pensamento e incentivamos práticas de financiamento que os ouçam profundamente, desenvolvendo estratégias em torno de suas análises da crise que enfrentamos. É assim que caminhamos para a solidariedade como prática.

A Academia Thousand Currents (Thousand Currents Academy) nasceu dessa abordagem exacta. Uma formação de uma semana de transformação pessoal em direcção a acções concretas, que começou em 2014, como resposta a um pedido das nossas parcerias do Sul Global para criar um espaço onde as entidades financiadoras pudessem ter diálogos mais profundos sobre como alinhar suas práticas com as necessidades das comunidades da linha de frente. E reúne pessoas em financiamento e filantropia com doadores e pessoas nos sectores de finanças e investimentos de impacto para descobrir como melhorar suas parcerias e ser verdadeiramente solidário com organizações de base e movimentos sociais em todo o mundo.

Este ano, decidimos experimentar uma formação focada no financiamento de soluções climáticas. Nosso objectivo era influenciar a estratégia e as estruturas usadas para lidar com a urgente crise climática que enfrentamos.

Para nossa Academia de Financiamento Climático, direccionamos a entidades financiadoras que eram novas no trabalho de financiamento climático. Nosso currículo era

criativo e centrado no coração, canalizando obras de arte, reflexões individuais e em grupo e registo. Convidamos as parcerias do movimento a participar como educadores, compartilhando seus entendimentos globais e interseccionais da crise climática. As pessoas palestrantes convidadas apresentaram líderes do movimento, funcionários e funcionárias da Thousand Currents e entidades financiadoras que puderam falar sobre suas experiências na implementação de práticas de solidariedade em sua abordagem de doação.

Embora essas academias sejam projectadas para levar as nossas entidades financiadoras à transformação, o conteúdo às vezes pode ser difícil para as pessoas participantes aceitarem imediatamente. As entidades financiadoras que nunca ouviram falar sobre estruturas centradas no movimento, ou a noção de “soluções falsas” e abordagens alternativas para avaliações de doadores, muitas vezes acharam difícil desmantelar imediatamente suas suposições.

De nossa parte, descobrimos que expandir suas estruturas e horizontes exigia dar-lhes espaço para desafiar as intersecções de suas posições de poder e suas crenças. Por meio de reflexões individuais e intervenções em pequenos grupos, pudemos testemunhar uma mudança na compreensão das nossas entidades financiadoras sobre sua responsabilidade individual e sua capacidade de apoiar práticas institucionais em mudança.

Durante a Academia deste ano, uma pessoa

As soluções climáticas baseadas no Ocidente, há muito tempo usam África como base para experimentação de suas estruturas, investindo em soluções climáticas criadas por “especialistas” externos, sem levar em consideração as perspectivas e necessidades das comunidades para as quais estão sendo projectadas.

participante sentiu-se desafiada pela intenção do programa de descentralizar as abordagens ocidentais de filantropia. No entanto, no último dia, as pessoas se encontraram na outra extremidade dessa jornada de aprendizado. As pessoas participantes compartilharam que o curso os levou a reflectir sobre “como minhas redes e proximidade com o capitalismo influenciaram meu pensamento [e] confrontaram muitos dos meus próprios preconceitos”.

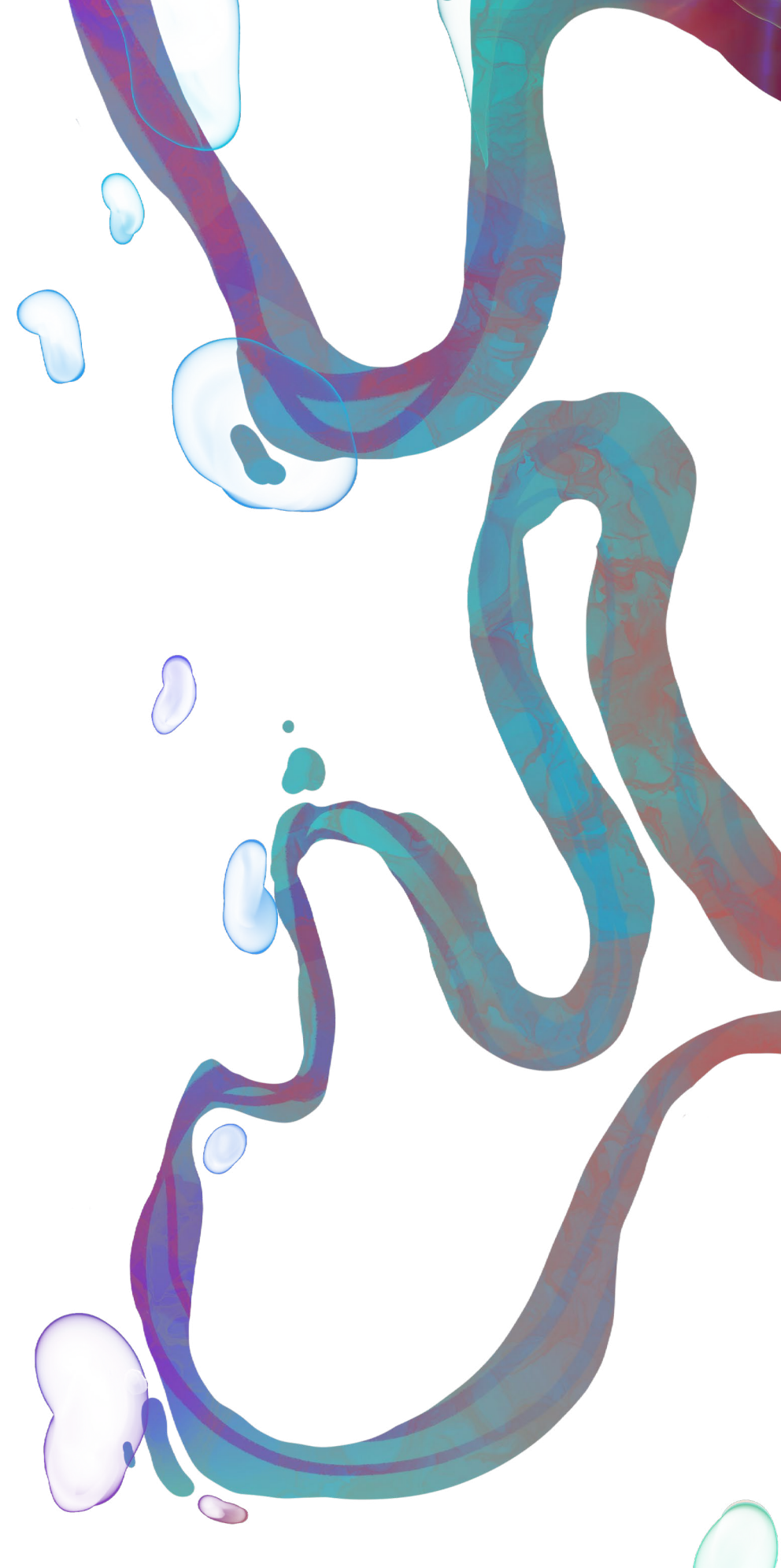
O programa culminou com a criação de planos de acção por partes das entidades financiadoras para transformar seus métodos e práticas para melhor se alinharem às soluções climáticas lideradas pelo movimento. Com base nesses planos, projectamos uma estratégia de engajamento pós-academia personalizada para acompanhar as pessoas participantes enquanto trabalham para implementar seus aprendizados em acção.

Transferir o poder para as mãos de movimentos de base do Sul Global, particularmente os da África, América do Sul, Ásia e Pacífico, requer não apenas a mudança de corações e mentes, mas também acções concretas.

Então, o que você pode fazer para colocar as entidades financiadoras, em alinhamento com esses esforços? Incentive as entidades a se juntar a nós para uma academia ou compartilhe o programa nas suas redes. Desafie as entidades financiadoras a aprender sobre os movimentos sociais

africanos e entender como melhor lhes prover. Encarregue as entidades financiadoras de participar de círculos de doação enraizados em práticas africanas, como sou-sous. Faça curadoria de experiências de aprendizado com grupos da diáspora africana, onde as entidades financiadoras podem elevar a produção de conhecimento e o trabalho de movimentos liderados por africanos. Exorte as entidades a financiar movimentos de base do Sul Global como se quisessem que estes movimentos sejam bem-sucedidos.

Thousand Currents acolherá uma Academia na Primavera de 2023. Inscreva-se em nosso boletim informativo para ficar actualizado sobre nossa próxima oferta.



Um Último Adeus

Tem sido uma aventura, amigos e amigas. Com muita gratidão, admiração, amor e poder pan-Africanos, despedimo-nos de vós.

Agradecemos imensamente a todos e todas vocês e a cada um dos nossos escritores e escritoras. A vossa paixão, sabedoria e talento artístico realmente transpareceu nos trabalhos apresentados e, claro, esta revista não existiria sem vocês.

Gostaríamos também de agradecer a Felogene Anumo pela contínua e forte supervisão, apoio e incentivo no projecto.

Desde o seu relançamento em 2020 até à esta data, esta revista e com certeza a iteração da AiD, foi a manifestação da visão de Luam Kidane. A clareza da sua fundamentação política e liderança permitiu que a análise da AiD se aprofundasse e complexificasse, assegurando sempre que o trabalho continuasse a ser um encanto visual.

Um obrigado especial, a Solome Lemma, Zanele Sibanda e Stephanie de Wolfe, é crucial, sem vocês este projecto nunca teria existido.

Agradecer a consultoria de edição feita por Chinelo Onwualu e a sua diligência, ressonância e empenho em honrar as palavras e ideias de todos os escritores e escritoras enquanto moldava uma revista cuja clareza e brilho é definitivamente o resultado do seu polimento.

Amir Khadar - a sua arte é fascinante e nós somos tão abençoados por continuar a partilhá-la.

Também agradecemos a nossa equipa de tradução Roze Russo, Wanjiku Mwotia, Maria-Gracia Guimaeres, Simone Bado, Michele Cubillo, wendelin regalado e Hélder Libelela, sem esta equipa, esta revista simplesmente não estaria disponível em francês, inglês ou espanhol.

Obrigado a toda a equipa da Thousand Currents por todo o apoio, amor e cuidado que Africans in Diaspora têm recebido.

Avante, amigos e amigas.



UM PRESENTE DE DESPEDIDA